



A menina Virginia Carqueja interprete da «Mignon», na festa escolar realizada no Instituto Moderno de Oliveira d'Azemeis

(Cliché de Rebello Junior)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Vêr na pagina immediata

Numero avulso 60 reis

Numero 115

Braga, 11 de setembro de 1915

Anno III

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Portugal e colonias (1 anno)	2\$400	Estrangeiro (1 anno)	3\$000
« > (6 mezes)	1\$200	> (6 mezes)	1\$500
> > (3 mezes)	600	Numero avulso	60

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas

Frigideiras e Restaurante

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto

BRAGA

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

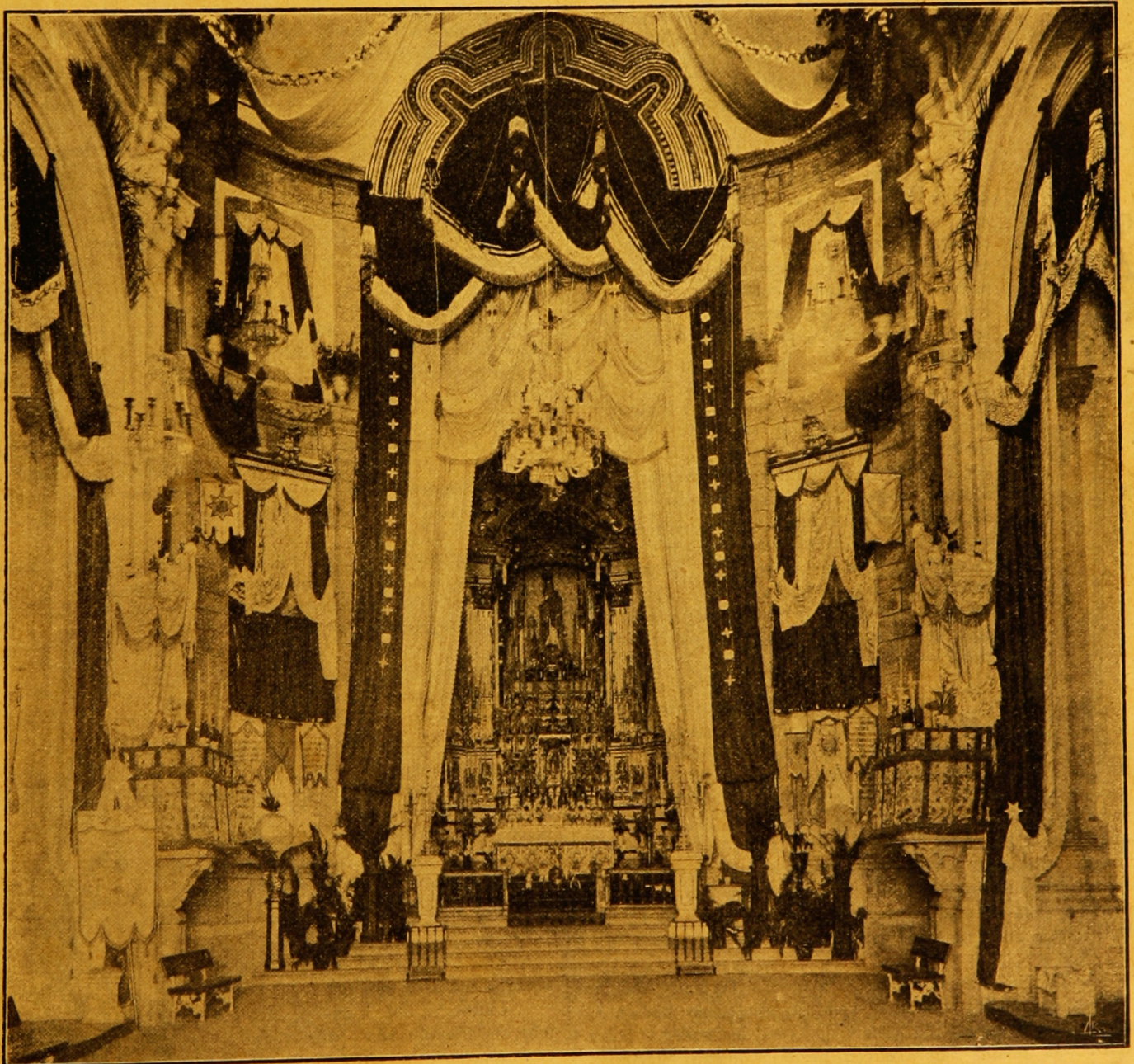
EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de setembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 115—Anno III



SAMEIRO--Interior do templo no dia da ultima peregrinação

(Phot. Belleza)

Chronica da Semana



Traços d'evolução...

HONTEM, reabrindo velhos livros, veio-me a tentação de recordar a politica passada seguindo os traços suggestivos de Raphael Bordallo na *Parodia*. D'aquellas paginas vi levantar-se, colorida, mascarada, entre sarcasmos e gracejos, que insensível mas goslosamente o meu bom sorriso consolador sublinhava. — toda a sociedade de hontem ainde, mas que parece já esquecida e que o será por certo amanhã pela geração melancolica e pensativa que hoje faz o seu profundo exame de consciencia no meio da azafama ruidosa da destruição e do rumor soturno do desabamento e da fallencia...

Bordallo dizia que a *Parodia* era a Dança da Bica no Cemiterio dos Prazeres, e esta simples definição jocosa apenas pôde soffrer correção pelo que respeita á dança, que no que toca a Cemiterio e a coisas fúnebres, alguma coisa mais, infelizmente, rolou á escuridão dos covaes frios sobre cuja terra — ai de nós! — já não ha sorriso que floresça!

O torvelinho da politica rodopia alli, por aquellas paginas de riso e de bom senso e nas mil cabriolas das figurinhas ridiculas, nas *charges* inegalaveis do mestre, como nas suas evocações perturbantes da fragédia nacional, revive-se toda uma hora de perigo inconsciente a que o humor e a graça diluem as cruzezas, hora que hoje muito apeteçemos comparando-a á de agora em que o riso, como as folhas das arvores no outomno, depois de amarellecer, cahiu mirrado n'uma longa estrada do silencio...

Quem cotejar (abstrahido o aspecto artistico) as colleções da *Parodia* ou do *Antonio Maria* e a do *Thalassa* colherá d'um simples relance todas as impressivas differenças de duas epochas ao mesmo tempo proximas e distantes! e sentirá, como eu hontem senti, o infantil desejo de que todas aquellas scenas de graça de ridiculo, cheias de côr, a saltar, tivessem vida e de que de subito, nos vissemos no meio d'aquella bonecada, a rolar e a rir em volta de nós, minuscule e gracil, como os heroes de Liliput á volta de Gulliver...

E todavia, alguma coisa ha que não mudou. Aquelle enorme caranguejo continúa sendo o progresso nacional; aquelle rato voraz, a burocracia que vem de encher o papo com novas postas democraticas, perdulariamente offerradas á malta dos *heroicos* incompetentes que o 14 de maio alcançadorou; aquella porca de fartas fêtas e muitos bácoros, a nossa politica de compadrio e de rotina.

Uma pagina curiosa *Remar contra a maré* se chama ella: n'um barco a figura esqueletica da Republica (coitada! quem diria!) rema baldadamente sobre o mar da indiferença do paiz. Não está o leitor lembrado das incursões de Couceiro e das conspiratas realistas, e da imbecilidade ou inconsciencia com que o povo se vê saqueado pelos bandos?

N'est'outra pagina leio eu, ao alto, uma phrase que ainda ha dias solletei... Ah! foi no *Primeiro de Janeiro*, na carta de Lisboa; diz assim: *A grande, a generosa, a magnanima Inglaterra!* E n'esse numero da *Parodia*, Raphael já pintava o snr. dr. José d'Alpoim a lambusar de manteiga as beijas de Jonh Bull...

John Bull! Como Bordallo traduz bem toda a vergonha da raça que recebeu na face a chicolada do *ultimatum* e consentiu sem vibrante protesto que pela sua terra passassem para esmagar um povo livre e honrado da Africa do Sul, que apenas fazia sombra á ambição de Chamberlain e embargava a ganancia de Rodhes, as tropas que ouvi dizer, andam por França combatendo agora pela Liberdade e pelo Direito.

Valia bem a pena, leitor, pôr deante dos olhos d'esta gatinha de hoje, que fallou grosso nos agitados dias de 20, a figura do John, enlacrada e manhosa, que Bordallo pintou mettendo ao bolso as colonias do fiel aliado sem vintem...

A *Parodia* é afinal a documentação da incoherencia portugueza, da tolice portugueza, da fallencia portugueza, do descaramento e do dessoramento lusitancs. Como esquece depressa o povo! Como os deuses... morrem!

Para cumulo, até encontrei escriptas pelo snr. João Chagas, hoje *enfant gâté* do regimen, estas pa'avras de que elle por certo se esqueceu como portuguez, ou fingiu esquecer, como mestiço:

«A mesma Constituição não se invoca já. O que vigora? O Codigo Administrativo. O Codigo Administrativo é um *post-scriptum* á Constituição, *vade-mecum*, do abritrio, breviario de todas as dictaduras... O que é a responsabilidade no regimen do monopolio? E' o defeso. A liberdade em Portugal está no regimen do monopolio, como o bacalhau. Tem-se liberdade pelo preço porque os governos nol'a que em dar.

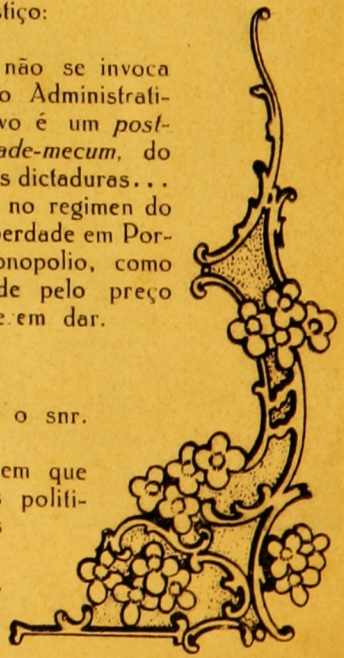
Por isso é cara e má.»

Que flagrancia! Como o snr. Chagas escrevia outr'ora!

Outr'ora, snr. Chagas, em que não se anavahavam prêsos politicos nomeio dos sabres das escoltas!

Como o tempo passa!...

F. V.



VIDA INTENSA

PURINHA.

O sol n'um espreguiçamento mor-
no, metálicava os trigaes ador-
mecidos e avermelhava longin-
quo, a corôa funebre dos amieiros... N'uma suave orquestração
de côr a claridade diluía-se pallidamente, semeando a terra de som-
bras pesadas, estreitando phantasticas, disformes, as arvores e os
montes, as veredas e os casaes, d'um recolhido mysterio. A sua
casa romantica, perdida á esquina florida, d'um monte, immergia,
mysteriosa tambem, da renda verde-triste das oliveiras, com o seu
ar religioso d'ermida, abraçada de lendas e de flores, as suas pa-
redes caiadas, varridas do sol, cingidas de trepadeiras... Quantas
vezes a vi, pallida, serena, como uma romantica figura d'illuminura,
assomar ao seu postigo onde floriam os cravos, os olhos anciosos,
olhando, fixando, prescrutando o mar longinquo, como aquella dôce
e soffredora Joanninha do Garret!

Fora para alli,
ha vinte primaveras
confadas pelo florir
das macieiras e por
alli ficára, esquecendo,
envelhecendo, recolhida,
sem uma confidencia,
sem uma supplica, a
remecher, a cuidar das
desgrças, das miserias,
das tristezas dos outros,
a suavisá-las, a consola-las,
piedosa, christãmente,
diziam. Chamavam-lhe
Purinha porque o bom do
Abba-de, dissera uma vez,
pela paschoa, que a morte
houve de leva-la!... que
era purinha como o sol!
e Purinha ficou para a
aldeia inteira, que exalta-
va a sua fé, louva-va a
sua piedade,



PORTO—(Paranhos). No dia da festa, cheia já a capella
de N. Senhora da Saude,
os devotos agglomeram-se ouvindo a missa

a querer simples e bça, enquadrar na lenda aquella romantica
figura d'illuminura, que só apparecia onde a dôr ferisse e onde a
desgraça pairasse.

Tinha palavras meigas para os velhos, esperanças para os men-
digos, ternuras para as creanças, e os seus olhos, que eram verdes e



fundos, accendiam-se d'um brilho indecifrável, quando a desgraça era maior. Curava os aleijões e mal dissimulava subitas alegrias, os inexplicáveis prazeres, que revolviam a sua alma mysteriosa, olhando as chagas vermelhas dos mendigos, como se perante a miseria, a desgraça dos outros, viesse mitigar a sua mysteriosa tortura. E no entanto, toda a gente a adorava, a cobria de bençãos, a santificava de louvores, quando á tarde, á hora religiosa do anoitecer, ella assomava ao seu postigo para olhar o mar, que ora trepava em vão pelas rochas agrestes, ora se espreguiçava tranquillo pela areia doirada e fina.

Uma tarde abordei aquelle mysterio errante... Morria o sol, o outomno que viera já triste, fazia cahir as folhas dos castanheiros e da sua bocca cahiram tristemente as primeiras confidencias:

«Amei, amei muito!... Toda a minha alma se sumiu n'esse amor; toda a minha vida se accendeu n'essa esperanza!... Creei o meu sonho, dei-lhe vida, alma, tudo e o meu sonho morreu!» Limpou uma lagrima rebelde, estremeceu e prosseguiu com desespero: «Amei-o, desesperadamente, doidamente, e fui amada tambem... Cada conversa era sempre um ro-sario de projectos e cada projecto, uma nova illusão...

A ultima vez que nos vimos, que de promessas! que de protestos! e despedimo-nos alegres, confiados...

Mas o mar roubou-m'ol!... e torcendo as mãos continuou desesperada.

«A's vezes ainda promette. Mas não, roubou-m'ol, roubou-m'ol... O que eu soffri!...» e desatou a chorar... A lenda quebrava-se afinal... Aquella fé, aquella piedade, aquella dedicação sublime, eram muito simplesmente o travo amargo d'um caso banal.

Continuou. «Hoje, creia, estou resignada... Mas não é por bondade, que eu sou piedosa... A minha bondade é dôr; a minha caridade o confrangimento que me causa tanta alegria... E só n'esses momentos, tocando nas desgraças e nas miserias, remechendo nas chagas e nos aleijões me sinto feliz... É os olhos glaucos, mysteriosos, fulguravam...

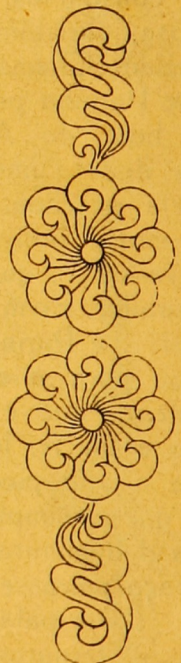
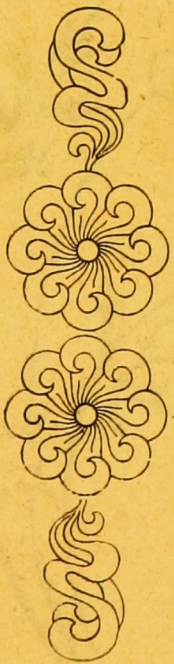
Do caminho veio uma voz:

Santas noites, Purinha!... — Deus te salve!... e o luar que começava a espreitar por entre o arvoredado grave das carvalheiras sorria n'uma gorgalhada de luz...

JOSÉ DE FARIA MACHADO



Quando o sol da vida se pozer para nós, de que nos servirá o orgulho, a ostentação, a riqueza? Tudo terá passado como um correio apressado; como uma não, que fende o mar agitado sem deixar algum vestigio; ou como a flexa, que rasga o ar que se reúne, ficando desconhecido o seu caminho.



PORTO—(Paranhos). No dia da festa de Nossa Senhora da Saude o Campo-Lindo engalanado é muito concorrido

(Phot. J. Castro)

As catacumbas de Roma



Je dis que le tombeau qui sur les morts se ferme
Ouvre le firmament,
Et que ce qu'ici-bas nous prenons pour le terme,
Est le commencement.

VICTOR HUGO.



A significação original da palavra *Catacumbas* não está ainda bem averiguada. O que parece certo é que a designação *ad Cætacumbas* foi primitivamente applicada a um pequeno tracto da famosa Via Appia; e precisamente ao sitio em que se desenvolveu um d'aquelles cemiterios que hoje conhecemos com a designação geral de *catacumba*, tanto em Roma como em Paris, e n'outras partes.

II

sando da significação de templo de todos os deuses á de lugar de repouso das cinzas dos grandes homens, como em Paris, ou das pessoas reaes, como em Lisboa.

Mas que eram, propriamente, esses cemiterios a que hoje chamamos *catacumbas de Roma*?

Cada um desses cemiterios consiste num grupo de passagens ou galerias subterraneas, algumas vezes de um metro de largura e que a espaços se alargam formando camaras ou cryptas. De um e outro lado dessas galerias, cobrindo as paredes em linhas sobrepostas, ha umas cavidades chamadas *loculi*, especie de nichos ou gavetões: são as sepulturas.

Desses grupos de galerias existem mais de



Visita ao tumulo de uma martyr (I.º ao IV.º seculo)

Esse cemiterio é o de S. Sebastião, de que a seu tempo nos occuparemos. Baste por agora frisar bem, para desvanecer a crença vulgar de que *catacumba* propriamente significava *cemiterio*, que a designação total d'aquella necropole da Via Appia era «*Cæmiterium ad Cætacumbas*», como hoje se diz em Lisboa *Cemiterio da Ajuda*, *Cemiterio do Alto* de S. João, sem que *Ajuda* ou *Alto* signifiquem cemiterio.

Hoje, porém, *catacumba* significa, em todas as linguas, não só um qualquer dos cemiterios subterraneos de Roma, mas até de outras cidades, como Paris, e ás vezes, até, dá-se esse nome á crypta mortuaria d'uma egreja. Assim tambem a palavra *Pantheon* evolucionou, pas-

cincoenta, fóra dos muros de Roma—entenda-se da cintura d'Aurelio (270-275) terminada por Probo. Para se formar uma idea da extensão que occupam esses cincoenta e tantos grupos de galerias, diremos com o prof. Gerald Stack, que essas galerias, postas em linha recta, iriam de um extremo a outro da peninsula italica, o que quer dizer que dariam quasi duas vezes o comprimento de Portugal! Com o proximo artigo publicaremos a planta de *um* só desses cemiterios, para os leitores vêrem o que é o labirinto das catacumbas romanas.

Quanto ao numero dos sepulcros cavados por aquellas paredes, o mesmo archeologo calcula que deve andar por seis milhões!



Qual é a origem dessas vastíssimas necrópoles subterrâneas?

Prevalece, em geral, diz o mesmo professor, cuja *resumida* notícia vamos *resumindo*, a errônea ideia de que as catacumbas devem sua origem à necessidade, em que se viam os primitivos christãos, de recorrer ao esconderijo em épocas de perseguição. É certo, não cabe dúvida, que a violência da perseguição pagã contribuiu muito para transformar as Catacumbas, de meros lugares de inhumação, em lugares de frequente refugio para os christãos perseguidos e monteados; é hoje, porém, admitido por todas as autoridades, que a formação das mais antigas Catacumbas remonta aos tempos Apostólicos, e precede assim, em data, a primeira explosão da intolerancia e crueldade pagã.

No proximo artigo veremos algo mais dessas origens remotas das Catacumbas. Por hoje, e porque estes artigos devem ser muito breves e encaminhados a robustecer a nossa constancia na actual quadra de perseguição, paremos aqui a olhar tambem para os nossos cemiterios!

Os christãos dos tempos de Nero, Domiciano e Diocleciano refugiavam-se nas catacumbas, onde repousavam já tantos dos seus predecessores no somno do Senhor!

D'ahi saiam mais fortes para afrontar as terriveis provações daquella lucta contra a ty-



Coveiro abrindo o sepulchro para uma martyr

rannia omnipotente dos Cesares! Quantos de nós se lembram de ir, em plena liberdade e ao ar livre, buscar junto das sepulturas de nossos paes, parentes e amigos, ânimo para perseverar e cumprir os seus deveres nas circumstancias graves que a Igreja atravessa?

As Catacumbas eram cemiterio, templo e escola. Porque não frequentamos um pouco mais a *escola* do cemiterio, escola que por mais que a laicizem clama sempre a *unica verdade* que não ousam contestar, nem ainda os mais enfatuados inimigos della: a da morte inevitavel de todos?

Costumava o santo abade Elias, no êrmo, mandar lá seus discipulos e, como lhe perguntassem estes, que vantagem de lá trariam:—*A que trouxe Jeremias de casa do oleiro*—lhes respondeu—que vendo o propheta, mandado lá pelo Senhor, o vaso, pôsto na roda, quebrado e refeito, aprendeu a nossa total dependencia da bondade divina!

Dentro de cem annos, nós e os nossos perseguidôres, lá estaremos todos para ensinar o mesmo ás gerações futuras!

Arthur Bivar.

A "festa das papas,, em Alcains



Esupremamente edificante o modo como os catholicos tem sabido honrar a tradição, que representa as glorias dos nossos maiores, dos nossos antepassados, convidando-nos á meditação.

A tradição conserva-se inalteravel entre os



Ultima homenagem a uma martyr

(Todas estas photographias que temos publicado, acerca das Catacumbas, devemos-las á gentileza do ex.^{mo} snr. Braz Lafa de Carvalho).

catholicos que fazem por a perpetuar, para de esta forma nos semelhamos aos nossos antepassados em cujo porte moral tanto temos que aprender, e seguir suas inclinações que em nada se desviavam dos preceitos estabelecidos pela Santa Egreja.

Perpetuar a tradição é eternisar os costumes; é lembrar as qualidades sobrenaturaes de nossos avós.

O typo christão é o que melhor tem sabido conservar a honra, enaltecer a virtude, imitar e dar os bons exemplos e manter a tradição.

Ainda hoje a força moral do nosso povo está inteiramente apoiada na verdadeira religião—A religião christã.

—Ora, não sei se haverá povo que melhor saiba amar a tradição que o de Alcains celebrando no estio duas festas denominadas «das papas» em memoria da devoção de seus pre-

OC não se podia viver. Os habitantes conceberam diferentes projectos, para afastar tal praga: d'entre elles destaca-se um que parecia ter o alcance sufficiente para os fazer perecer ou afastar; era elle, lançar fogo aos campos de lavoura, como fizeram; mas os primeiros gafanhotos precipitando-se nas chammas, apagaram o fogo, deixando os restantes incolumes.

Não podendo extingui-los materialmente, começaram a implorar o auxilio da Virgem Santissima que se dignou ouvir-lhes as preces, fazendo logo, com que este grande exercito alado se levantasse e caminhasse para lugares ignotos. Devastaram tudo nas casas e nos campos; as arvores ficaram inteiramente tosquiadas e os prados ceifados!

Agora já se podia respirar livremente.

OC Durante o periodo em que se mantiveram os gafanhotos, a população que confiava no



A «festa das papas» em Alcains

decessores que, confiando na protecção da Virgem Immaculada da Conceição, orago da egreja d'esta freguezia, obtiveram por intercessão da que se intitula *Auxilium Christianorum* a extincção dos gafanhotos que, durante alguns dias, impressionaram a gente d'esta povoação.

—Segundo refere antiga tradição, no anno de 1646—uma grande legião de gafanhotos—os terriveis orthopteros—*pachytylus migratorius* qual nuvem que os ares escurece, cahiu desapiadadamente sobre esta pacifica povoação e campos adjacentes, produzindo estragos de que não é facil ajuizar, e lembraram á população uma das pragas biblicas. A multidão d'estes insectos formava uma nuvem espessa, opaca e muito extensa que ao aproximar-se da povoação produzia um ruido atroador. Não se estava seguro em casa; nos campos proximos

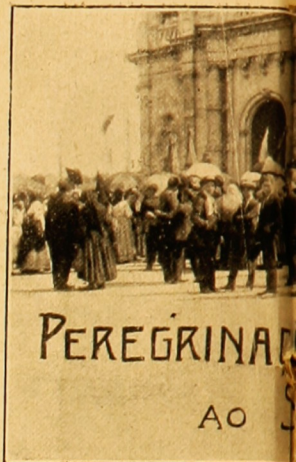
OC patrocínio da Virgem, invocou-a, pediu-lhe protecção e Ella dispensou-lh'a; para Lhe agradecer, em testemunho de gratidão, instituiu-se uma festa, que chegou até nossos dias e se tem celebrado sem intermitencias annualmente desde 1646 até 1915 e se tem realizado sempre no quarto domingo de agosto. Na segunda-feira immediata fazem-se as «papas» que dão o nome á festa; e são depositas na rua para d'ellas se utilizar quem quiser.

Estas festas que se realizam nos dias 22 e 23, 29 e 30 de agosto ficaram perpetuadas em memoria da extincção dos gafanhotos e são como um padrão, para demonstrar a religiosidade da população de Alcains.

BAZAR.



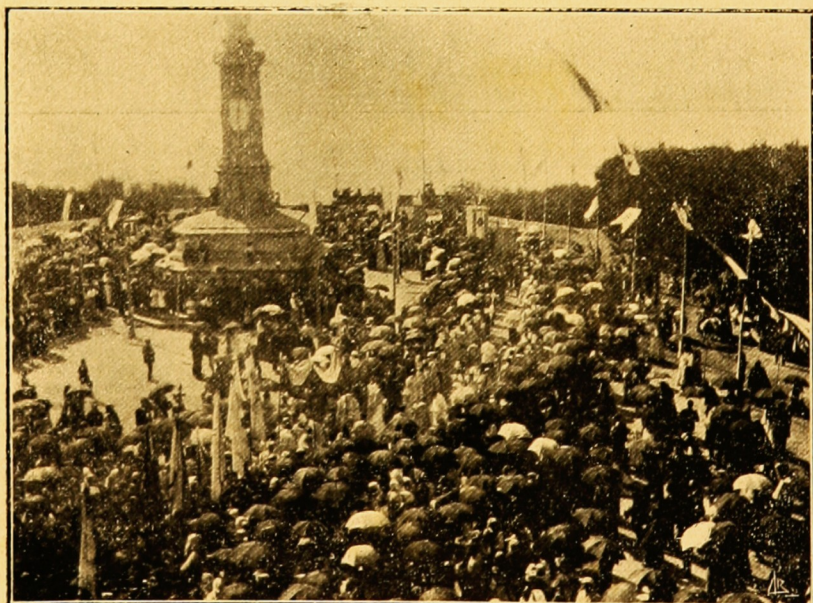
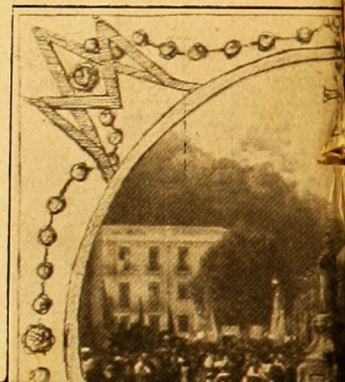
Cantando e rezando os peregrinos sobem a montanha



No domingo, 29 de Agosto, a Senhora do Sameiro com a sua filha, a Mãe de Deus, não parou para o sagrado peregrinar, em que tomaram parte milhares de peregrinos, cantando devotos hymnos e rezando. A chegada fez uma allocução e ao meio dia foi cantada missa. Foi presidida pelo rev. dr. Clemente Rangel, cuja sermão foi muito brilhante, na qual fez allusão ás associações que na peregrinação se encontram. A Santissima Virgem appareceu-se ás avultando entre ellas, as de Santo Antonio do Porto e de Santo Antonio de Lisboa e bem assim um carneiro e um



A peregrinação chegando ao Bom Jesus



A Procissão eucharística dando volta á estatua da Immaculada

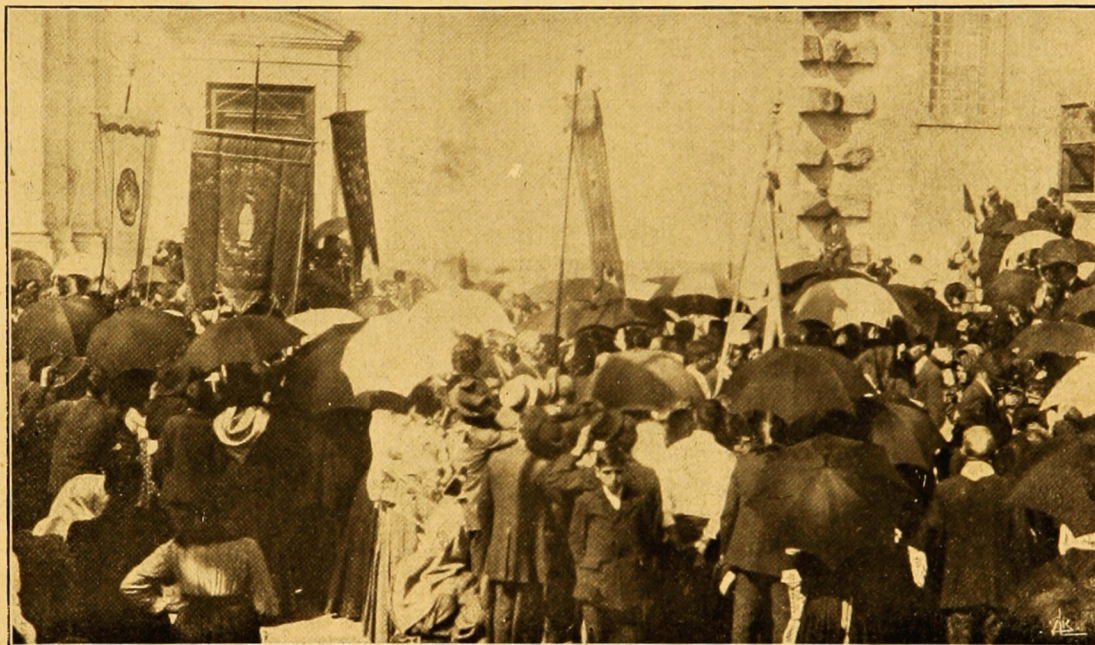


Depois de algum descanso, os peregrinos, O SS. passando entre os

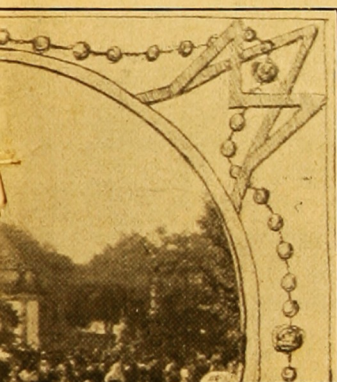


A meio da peregrinação—Filhas de Maria

to, realizou-se a festa de N.
o esplendor e pompa. De ma-
nte uma bem organizada pere-
te, muitos milhares de fieis,
zando piedosas preces. A'
ev. padre José Ribeiro Braga.
solemne, durante a qual pré-
s, saindo no fim uma procis-
maram parte as mesmas as-
tinham vindo.
am offertadas varias promes-
rras de prata que os "Amigos
enviaram pela sua direcção,
fourinho.



Em torno do Sanctuario, associações religiosas na Procissão



Offerta á Virgem—Um lindo touro

grinos partem do Bom Jesus
fotos peregrinos

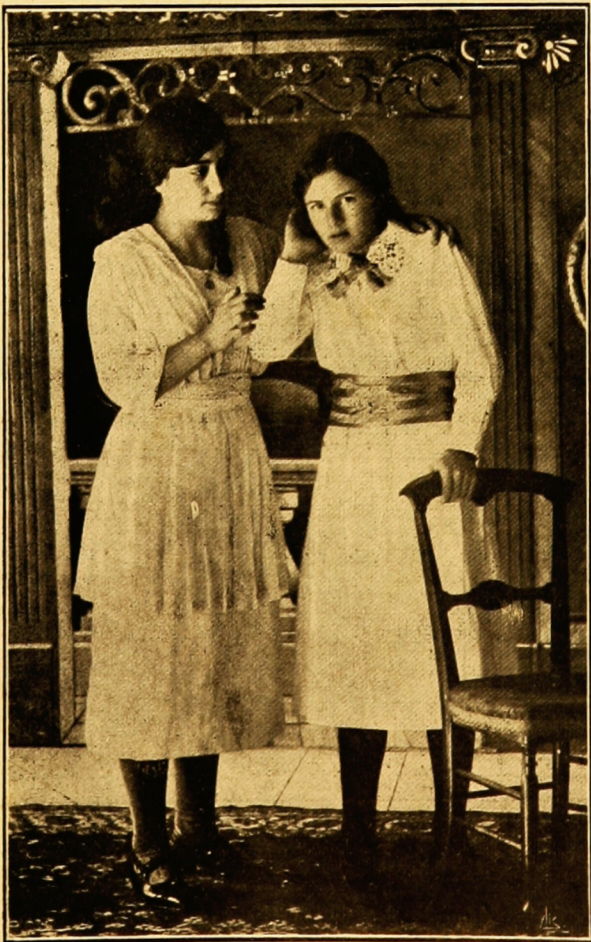
(Phots. de Viriato Silva e João Guimarães)



Oliveira de Azemeis-- Instituto Moderno



Grupo da Direcção e alumnas do Instituto Moderno



Realisou-se ha dias uma interessante festa organisa-
da por Madame Angelo illustre directora d'este
Instituto para distribuição de prémios ás alumnas.
Da matinée e da exposição, juntamos algumas pho-
tographias para melhor se avaliar o que foi aquella
sympathica festa que a todos os visitantes deixou a
mais agradavel impressão.

Todas as alumnas se sahiram simplesmente bem,
tanto nos papeis que desempenharam, como nos tra-
balhos expostos onde se viam verdadeiros primores
d'arte.

A' distribuição dos premios presidiu a illustre se-
nhora e benemerita de Azemeis Madame Izabel Pinto
de Carvalho secretariando o ex.^{mº} snr. dr. Antonio
Gomes dos Santos, e dr. Zagallo, (filho) represen-
tando seu pae, o ex.^{mº} juiz de direito da comarca.

Tomaram parte n'esta festa, por gentileza, Ma-
demoiselle Helena Guimarães e Madame Elvira P.
Basto da Costa Rebello, executando ao piano lindos
trechos de musica classica.

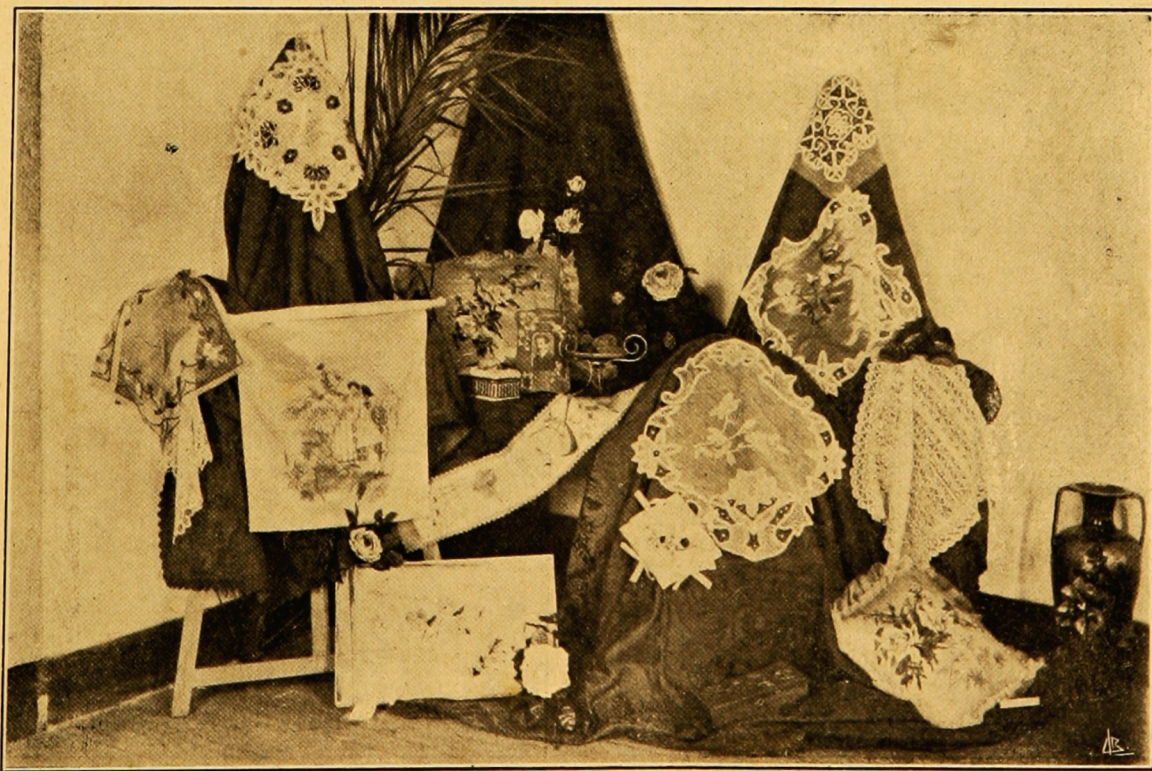
*A matinée; as meninas M. Beatriz
Pizarro Côrte Real e Maria Luiza Ferreira Alves
no duetto: 'les deux sourdes.'*



*A menina Maria Luiza Ferreira
Alves no papel de "Laura," da Comedia
"Uma boa lição."*



*A menina Maxima Guimarães no papel,
de "Prima donna,"*



Trabalhos expostos pelas alumnas

(Phots. Rebello Junior)



A menina M. Aldina Alegria Martins
e Virginia Carqueja Abreu de Lima no duett
"Pince-bec et Bouche en cœur."



Odete Ribeiro Marcondes Figueira, gentil
filha da Ex.^{ma} Snr.^a D. Carlota Ribeiro d'Andrade
Figueira e do Ex.^{mo} Snr. Augusto Marcondes
d'Andrade Figueira, que fez a sua primeira
comunhão no dia 2 d'Agosto do anno corrente



Manuel de Athayde



Francisco de Athayde

gentis filhinhos dos Ex.^{mos} Snrs. Viscondes de Freixedo

Saudação



Maria Albertina de Sá Lemos

Soneto recitado pela menina Maria Albertina de Sá Lemos na presença do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz por ocasião da sua visita ao Arcebispado de Caminha, com a offerta de um formoso "bouquet," das creanças da catechese da Villa de Caminha.

Dos labios virginaes da juventude crente
Que tem respeito a Deus e tem amôr á Egreja,
Deixae soltar, vibrante, a saudação fremente:
«Senhor! Bemvindo seja.»

Nossa alma, juvenil, ha tempos que deseja
Sentir-se ao pé de Vós, porque só bem se sente,
Ouvindo-Vos fallar de Deus Omnipotente,
Em quem nossa alma crê, embora não o veja.

Tomae nas vossas mãos as candidas florinhas
Colhidas para Vós por loiras creancinhas
Que vão á Catechese em busca d'um bom fim . . .

E em troca do *bouquet*, d'este *bouquet* d'amôr,
Que pedir-Vos, Senhôr? . . .
—Abençoa-e-nos, sim?

Caminha, 5—VII—913.

DURO DA SILVA (RUBO).



Collegio de Santa Maria.-Madrôa Guimarães

Tive o prazer de ha dias, em companhia de um amigo, visitar esta excelente casa de educação para meninas. E' na verdade um estabelecimento modelar! Asseio, casa muito espaçosa, janelas bem rasgadas, como manda a hygiene, cêrca para recreios, etc., tudo isto faz do Collegio a que me venho referindo um estabelecimento modelo. Educação esmerada, ministrada por senhoras competantissimas, as boas mães de familia, podem, sem receio confiar-lhe suas filhas.

Instrucção tambem ali não falta; os exames feitos no lyceu e os de instrucção primaria attestam a muita competencia do corpo docente e o bom aproveitamento das alumnas.

Os trabalhos em bordado, desenho e pintura—um primôr! Sahi deveras encantado com a bôa ordem que encontrei em tudo, alliada a uma disciplina suave, mas vigilante. Resolvi para alli mandar minhas sobrinhas, e estou convencido que em casa não tem mais carinhos do que os que vão encontrar no Collegio de Santa Maria. Resta-me, pois, recommendar a todas as familias esta excelente casa de educação.

Monsão, 5—8—915,

João Caldas.

Misteriosa dôr

*Eu vêjo o mar, em horas tormentosas,
Correr por sôbre a rocha e com fragôr
Quebrar as suas ondas magestosas,
Soltando imprecações, gritos de dôr.*

*E mesmo nos seus canticos d'amôr
Ha vibrações plangentes e saudosas,
E creio que o seu rir tem amargôr,
Tem gemidos e queixas dolorosas!*

*Então ponho-me eu a imaginar,
Tecendo phantasias e loucuras,
'O que haverá no coração do mar . . .*

*Que extranho sentimento e que torturas
O fazem, de continuo, soluçar,
Carpir o seu fadário d'amarguras! . . .*

ALICE GARÇÃO



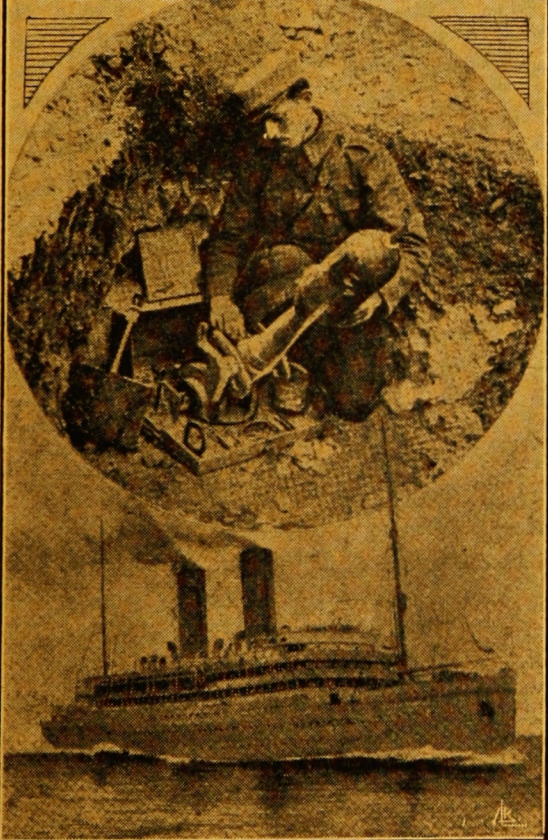
Edificio do Collegio de Santa Maria. (Madrôa) Guimarães

A GUERRA EUROPEIA



5—Gloriosa bandeira mutilada do 66
—De Lorena á Belgica percorreu
toda a linha de fogo. Atacada na
Champagne e na batalha d'Arras,
foi condecorada com a cruz de
guerra.

6—EXERCITO ITALIANO—Peças
de grande calibre fazendo fogo no
cume de uma colina em Carnia.



1 — A esquadra anglo-franceza que tem operado no estreito dos Dardanellos.—Vê-se a costa desde Gaba Tepe até Hellas: á direita a fumarada do incendio de Maidos,

2 — NA LORENA Rusticas habitações improvisadas pelos militares francezes.

3 — Preparando um dos terriveis engenhos de guerra, que tantas victimas tem causado.

4 — O magnifico e rapido transporte britanico "Royal Edward", de 12.000 tolenadas,—Foi torpedeado por um submarino germantco.



Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

P

PERGUNTARAM ao philosopho e elle respondeu:

—Qual é a coisa mais antiga? Deus. Qual a mais formosa? O mundo. Qual a de mais valor? O pensamento. Qual a mais forte? A necessidade. Qual a mais doce? A esperança. Qual a mais facil? Dar conselho. Qual a mais difficil? Conhecer-se a si mesmo. Qual a mais sabia? O tempo. Qual a melhor? A virtude.

Thales de Milesio

Perdoar e premiar

O consul Manilio perguntou a Cesar:

—O que vos tem dado maior gosto?

—Perdoar a quem me agravou e premiar a quem me serviu.

Casado ou solteiro?

Socrates respondeu a um homem que ia consorciar-se e lhe perguntou qual era melhor, se viver solteiro se casado:

—De qualquer d'essas duas cousas que façás te arrependerás.

Fazer bem a todos

Derante Aristo engrandecia-se esta sentença de Cleómenes: — *Faze bem aos amigos e mal aos inimigos*, e o illustre lacedemonio emendou:

—Antes fazer bem a todos para conservar uns e conquistar os outros.

D. João de Sousa

D. João de Sousa, habil politico e bom cavalleiro á gineta, era embaixador em Castella ao tempo que reinavam Izabel e Fernando. N'uma tarde de touros, convidou-o a rainha para da sua tribuna assistir á lide. D. João accedeu immediatamente, mas ao atravessar a praça, unico caminho para a tribuna, soltaram um touro que afugentou toda a gente para os palanques. O embaixador portuguez não fugiu, esperou o touro a pé firme, com a capa na mão esquerda e a espada na direita. Quando o touro o arremetteu, lançou lhe aos olhos a capa e d'um golpe de espada cortou-lhe a cabeça. Sereno, sob uma ovação delirante, tomou a capa, limpou a espada, e foi para onde estava a rainha, que lhe tinha preparado esta cilada

para aquilatar da sua apregoada coragem. Izabel recebeu-o affavelmente:

—Bella sorte fizeste, embaixador!

D. João curvou-se agradecido e replicou:

—Senhora, outro tanto fará qualquer portuguez.

Outra anecdota.

Passando D. João II por Montemór-o-Novo foi pousar em casa do alcaide-mór D. Fernando Martins Mascarenhas, e mandou metter os cavallos na estrebaria de D. João de Sousa, ao tempo em Montemór.

N'aquella occasião andava á caça, mas na volta e informado da determinação do rei foi á estrebaria e soltou os cavallos todos. Perguntando-lhe D. João II a causa do seu proceder, respondeu:

—Porque V. Alteza fez da casa de D. Fernando paço e da minha estrebaria.

Lição de mestre

Callisthenes, na vespera de partir para a corte de Alexandre Magno, despediu-se de Aristoteles, que assim o aconselhou:

—Fala pouco quando falares com o rei, ou fala-lhe ao seu agrado. Assim, ser-lhe-ás aceito no silencio ou agradavel na locução.

Um dos tres

O rei D. Manoel determinou mandar uma armada em soccorro dos venesianos contra os turcos, e consultou sobre quem deveria mandar por general d'ella a D. João de Menezes, conde de Tarouca.

O illustre e valente fidalgo aconselhou:

—O governo dessa armada não deve ser entregue a outrem mais que D. João de Menezes, ou ao conde de Tarouca, ou a mim.

TITO FLAVIO.

Igualam as tristezas com as alegrias. — *Juvenal*.

* * *

São as alegrias desterro das dôres. — *Platão*.